

## *DEVANEIOS SOBRE O PENSAR, O SENTIR*

*Claudia Perrotta* \*

*A palavra habita, fundo, o coração do pensamento.*

Chico Buarque

Havia ainda alguma distância a ser vencida.

O objeto que agora estava em suas mãos lhe parecera maleável, embora não chegasse a ser propriamente macio. A superfície era lisa, a forma, retangular, mas não completamente, pois em uma das bordas havia uma certa irregularidade, melhor dizendo, um corte. A borracha já havia sido gasta.

Quanto tempo teria de manipular o objeto, os olhos fechados, para que dissesse seu nome? Pouco tempo. O tempo que precisou para resistir à tentação de dizê-lo de imediato, assim que a pele de sua mão tocou o objeto/nome.

O boto, que vive nas águas barrentas e escuras dos rios amazônicos, não enxerga bem e, para se alimentar, faz uso de um peculiar sistema sonar localizado em sua testa. Sons refletidos na água pelos objetos, ecos que retornam e o boto tem, então, uma espécie de imagem formada por sons tamanho, forma, densidade, textura e movimentos do objeto, distância em que se encontra.

É assim que o boto vê. Identifica sua presa. Prepara o bote. Ataca.

---

\* Fonoaudióloga clínica, Mestre em Distúrbios pela PUC-SP, co-autora do livro *Histórias de contar e de escrever – A linguagem no Cotidiano* (Summus Editorial, 1994).

Atualiza sentidos para escolher e decidir. É assim que o mundo ao seu redor, no qual talvez a única tarefa seja sobreviver, adquire algum significado: o filhote de bagre, liso, vinte centímetros, aproxima-se lentamente é o suficiente para matar a fome do boto, mantê-lo vivo.

No livro *A Vida do Espírito*, Hannah Arendt (1993) escreve:

Estar vivo significa ser possuído por um impulso de auto-exposição que responde à própria qualidade de aparecer de cada um. As coisas vivas aparecem em cena como atores em um palco montado para elas. O palco é comum a todos os que estão vivos, mas parece diferente para cada espécie e também para cada indivíduo da espécie. Parecer – o parece-me, dokei-moi é o modo talvez o único possível pelo qual um mundo que aparece é reconhecido e percebido. Aparecer significa parecer para outros, e esse parecer varia de acordo com o ponto de vista e com a perspectiva dos espectadores.(...) Parecer corresponde à circunstância de que toda aparência, independentemente de sua identidade, é percebida por uma pluralidade de espectadores.

As águas escuras dos rios, imagens formadas de sons, a pele de minha mão, a palavra se antecipa é tempo de dizer, nomear: aparecer, parecer para outros: aqui está, uma borracha, objeto arcaico, inodoro, uma borracha é apenas uma borracha. Ou: *vamos passar uma borracha nisso, esquecer o passado*. Objeto da memória esquecimento, talvez apagar para resignificar: *não me lembro, isso foi apagado da minha memória*. O que resta, então? Espaços vazios, imagens, blocos negros, gestos, palavras? E o que há entre eles? Pontos, vírgulas, silêncios, brancos? Talvez ilhas de significados num oceano de espera. Objetos perdidos, os olhos fechados, as coisas vivas têm textura, cheiro, consistência, duração. De onde estou não posso ver ou, melhor dizendo, nenhuma imagem se forma diante de mim. Não percebo, não reconheço, não faz sentido. Mas se mudo o meu ponto de vista, então, talvez isso que aparece diante de mim possa se parecer com... *sim eu reconheço: me parece...* Alguma ilha está se movimentando agora. *Eu me lembro, faz sentido para mim*.

Ainda no texto de Hannah Arendt (1993):

A auto-apresentação distingue-se da auto-exposição pela escolha ativa e consciente da imagem exibida; a auto-exposição só pode exibir as características que um ser vivo já tem. A auto-apresentação não é possível sem um certo grau de autoconsciência uma capacidade inerente ao caráter reflexivo das atividades espirituais e que transcende visivelmente a simples consciência que provavelmente compartilhamos com os animais superiores.

Talvez seja a palavra o meio pelo qual nos apresentamos, o que nos diferencia de outros seres porque nos permite refletir exercício de autorepresentação, do pensar com profundidade. Como coisa que está no mundo, também a palavra aparece com uma determinada forma diferencia-se de outras tantas, menos por traduzir estados de espírito diversos, talvez pelo peculiar interjogo que se estabelece entre o que vivemos internamente e aquilo que é apreendido de tudo que aparece como não eu. Interjogo que só é possível porque temos capacidade de refletir, decidir, escolher *sim, é esta palavra que melhor diz o que sinto.*

Ou: *Não encontro a palavra certa. As palavras me fogem, não consigo dizer o que estou pensando.* Está dito: o que você está pensando talvez não caiba nas palavras e é com elas que você diz isto: *é difícil dizer, mas há o que ser dito.*

Ou ainda: palavras que fogem são objetos da memória esquecimento existem, talvez perdidas no oceano de espera, são ausentes-presentes, já foram ditas, lidas, ouvidas. Evocam, soam, representam.

Exercício de autoconsciência: a palavra ocupa o lugar do entre: *diga com as suas palavras, mas se faça compreender.* O que quer dizer: afirme-se diante do outro elaborando um dizer próprio, mas faça isso com palavras que lhes sejam comuns.

Talvez, se for preciso, o silêncio. Tempo de não agir, de não dizer: lugar do não saber mais do que de esquecimento. Palavras que ainda não foram inventadas ou combinações de palavras que não foram experimentadas.

Também há o tempo da dúvida: *não estou bem certa...* Diga, mesmo assim, o que está pensando?

De qualquer maneira, o lugar de toda e qualquer palavra parece ser sempre o mesmo: *a palavra habita o coração do pensamento.* Frase feliz: o pensamento tem também quase um pulsar, uma certa palpitação; e novamente a palavra parece estar no entre: sentir e pensar. Se grito para expressar minha dor, só posso compreendê-la se refletir sobre ela, se encontrar palavras para dizer o que senti, talvez para curá-la. Mas como definir, então, esse lugar onde a palavra habita?

*Falei sem pensar.* Ou: *pense antes de agir.* Ou ainda: *isso que você está dizendo não parece ser o que você está pensando...* Equívocos.

Diferente da cognição, do ímpeto de conhecer, que parte do desejo do homem de ver e ser visto, o pensamento permite que se penetre nas aparências para desvendá-las ou talvez desmascará-las, submetendo à dúvida as plausibilidades de

nosso aparelho sensorial. *As aparências enganam*. Quando pensamos, não estamos buscando conhecer o que uma coisa é ou se existe mas sim o que significa ser. Conhecer o mundo como ele é dado aos sentidos é pouco para a atividade de pensar as questões levantadas pelo pensamento são irrespondíveis, mas é a partir delas, das perplexidades que nos causam, que desenvolvemos o impulso de conhecer:

É bem provável que os homens se viessem a perder o apetite pelo significado que chamamos pensamento e deixassem de formular questões irrespondíveis perdessem não só a habilidade de produzir aquelas coisas- pensamento, que chamamos obras de arte, como também a capacidade de formular todas as questões respondíveis sobre as quais se funda qualquer civilização.(Arendt, 1993)

O pensamento se movimenta para além das evidências e se configura como um meio através do qual podemos chegar a conhecer, compreender; porém, assim que respondemos uma questão que tenha sido elaborada nesse interjogo que se estabelece entre pensar e conhecer, imediatamente outras surgem a sede de conhecimento e a busca cognitiva não têm fim. E quem rege essa eterna insatisfação é a capacidade de pensar do homem.

*Qual o significado disso que você está dizendo?* O que isso quer dizer é: a palavra tem uma aparência, movimenta-se num mundo de aparências e como tal tem uma existência própria, tem a sua verdade. Mas há algo mais sendo dito, sempre. Há o significado: porque escolho esta palavra e não outra, porque digo isto neste momento, para esse público, quais são as minhas intenções. Outros tantos porquês, outras tantas razões estão sempre sendo ditas, embora possam estar ocultas ainda assim existem, coexistem no interjogo que se estabelece entre o plano da aparência/sentidos/conhecimento e o plano do significado/pensamento. Este último precisa ser desvelado. Faz-se noite. Depois, faz-se luz: no princípio era o verbo, ou talvez a verdade e só depois então o verbo para dizê-la. Ocultá-la. Silenciá-la. O que terá surgido primeiro, o que terá se dado a conhecer, primeiramente, no mundo das aparências? O ovo ou a galinha? *O ovo é a alma da galinha*, responde Clarice Lispector (1992).

Talvez por se movimentar além do mundo das aparências, embora dele apreenda elementos, o lugar onde a palavra habita, o coração do pensamento, seja, de fato, livre. Nele, não cabem preceitos morais toda e qualquer pergunta é apenas isso, pergunta resultado de inquietação. O não saber como impulso para saber.

É assim que o homem pensa. Identifica sua palavra. Prepara o texto. Diz. Assim como fez Manuel Bandeira (1993) neste verso:

As grandes mãos da sombra evangélica *pensam*  
As feridas que abriu em cada peito.

Pensar feridas quer dizer exatamente cuidar delas, fazer com que cicatrizem.

Por que, então, o poeta não usou a palavra tratar, ou mesmo cuidar? Teria sido para imprimir um certo ritmo à poesia?

*Não, não, pensei em outra coisa:* pensar feridas que estão no peito, no lugar dos sentimentos, talvez queira dizer, ou melhor, talvez Bandeira, o autor-criador, tenha dito a nós, leitores-pensantes, que pensar é uma possibilidade de curar, ou quem sabe de amar.

### **Resumo**

*Este artigo tem como perspectiva apontar aspectos da linguagem que se refletem no dizer cotidiano através da seleção de algumas idéias contidas no livro A Vida do Espírito de Hannah Arendt. A importância dessa discussão no âmbito da Fonoaudiologia reside na particularidade de nossa prática clínica, qual seja, possibilitar a quem nos procura um uso criativo e efetivo da linguagem.*

### **Abstract**

*This article aims to point out some language aspects that can be found in daily speech through selection of some ideas of the Hannah Arendt's book, The Life of Spirit. The importance of this discussion in the field of phonoaudiology concerns the particularity of the clinical practice, i.e., allow an effective and creative language use for those who are looking for our work.*

### Referências Bibliográficas

- ARENDRT, H. (1993). *A Vida do Espírito – O Pensar, o Querer, o Julgar*. Rio de Janeiro, Relume Dumará.
- BANDEIRA, M. (1993). Crepúsculo de Outono. *Estrela da Vida Inteira*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira.
- BUARQUE DE HOLANDA, C. (1989). *Uma Palavra. Chico Buarque, Letra e Música*. São Paulo, Companhia das Letras.
- LISPECTOR, C. (1992). O Ovo e a Galinha. *A Legião Estrangeira*. São Paulo, Siciliano.

*Recebido em mar/97; aprovado em mai/97*